

ECONOMIA E MERCADO DE TRABALHO DO RIO DE JANEIRO

NOTA CONJUNTURAL • MAIO DE 2015 • Nº 37



PANORAMA GERAL

O ano de 2015 não está sendo fácil para a economia brasileira. Segundo as sondagens realizadas pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibrel), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os índices de confiança dos consumidores e dos empresários dos setores de serviços, comércio e construção atingiram mínimas históricas em março, após quedas consecutivas desde a virada do ano.

Houve leve melhora em abril, mas não suficiente para reverter a tendência negativa, reforçada pelo comportamento do índice de confiança da indústria, que, depois de cair por três meses seguidos, ficou abaixo do registrado no auge da crise financeira de 2008-2009¹. O mesmo ocorreu com o Índice de Confiança do Empresário Industrial Fluminense (ICEI-RJ), da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). O ICEI-RJ vem caindo há cinco trimestres e alcançou seu menor valor desde o início da série, em 2005, em abril deste ano.

Assim, a desaceleração da economia, já experimentada em 2014, quando o Produto Interno Bruto (PIB) subiu apenas 0,1% em termos reais, está se intensificando. Três principais fatores contribuíram para essa situação: (i) o cenário internacional adverso; (ii) a condução da política econômica nos últimos anos; e (iii) os desdobramentos dos casos de corrupção na Petrobras.

No tocante ao primeiro ponto, a redução do ritmo de crescimento da China e as dificuldades ainda enfrentadas pelos países europeus em função da crise diminuíram a demanda mundial por produtos agropecuários e da indústria extrativa, fazendo com que seu preço caísse. Sofremos com isso, porque essas mercadorias têm um peso elevado na pauta de exportação brasileira. Ademais, a recuperação, mesmo que parcial, da economia dos Estados Unidos tem levado o governo norte-americano a abandonar gradualmente a política monetária (em particular os juros baixos) que nos beneficiou em anos recentes – vide a subida do dólar nos últimos seis meses, ultrapassando R\$ 3,00 em março.

Com relação ao segundo aspecto mencionado, as desonerações e a contenção dos preços dos combustíveis e da energia elétrica geraram distorções cujas consequências estão sendo sentidas agora. A correção dos preços administrados pressiona hoje a inflação, que ficou acima de 8% no acumulado dos últimos 12 meses terminados em abril, superior, portanto, ao teto da meta de 6,5%. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), esse índice foi de 9,5%, o maior do país.

1. As novas séries das sondagens da indústria e dos consumidores tiveram início em 2005. As sondagens da construção e do comércio começaram em 2010 e a dos serviços, em 2008.

A inflação na RMRJ tem sido superior à nacional há cerca de dois anos, possivelmente por conta dos preços dos serviços, que são afetados pelo turismo na capital.

Para conter a inflação, iniciou-se um novo ciclo de aumento dos juros no quarto trimestre de 2014. A taxa de juros (Selic), que chegou a 7,25% ao ano no início de 2013, subiu para 13,25% no final de abril de 2015, o maior patamar desde dezembro de 2008. Diante da deterioração das contas públicas, aprofundada pela elevação dos juros, o governo se viu impelido a realizar um ajuste fiscal para recuperar a credibilidade entre investidores e empresários. Parte da estratégia consiste em negociar melhores resultados com os governos regionais. Assim, o estado e os municípios do Rio de Janeiro estão premidos pela necessidade de sanear suas contas. Em conjunto, esses fatores tendem a deprimir ainda mais a atividade econômica, ao menos no curto prazo.

Por fim, as investigações do esquema de pagamento de propinas nos contratos da Petrobras podem ter sérias implicações para a economia brasileira. Devido à fragilidade financeira da estatal, às questões administrativas (o balanço de 2014 da empresa só foi publicado no final do mês de abril) e à queda do preço internacional do petróleo, os investimentos na área de óleo e gás estão paralisados. Como dirigentes de grandes empreiteiras estão envolvidos, a construção civil também foi significativamente afetada. Vale lembrar que esses segmentos representaram uma importante fonte de dinamismo econômico nos últimos anos, em especial no Estado do Rio de Janeiro (ERJ). De acordo com estimativas da Firjan², investimentos de quase R\$ 425 bilhões estão ameaçados. O Rio de Janeiro seria o estado mais impactado, com perdas de R\$ 106 bilhões, 1/4 do total.

Sem novos leilões de áreas destinadas à exploração, os incrementos na produção não estão sendo capazes de compensar a redução do preço do petróleo. As receitas de *royalties* despencaram no primeiro trimestre de 2015, prejudicando seriamente a arrecadação do governo estadual e de 95% dos municípios fluminenses. Essa notícia selou uma sequência de resultados fiscais insatisfatórios, fazendo com que a agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) rebaixasse a nota de crédito do ERJ. Assim, o estado perdeu o seu grau de investimento e passou a ser classificado com grau especulativo, o que pode dificultar a obtenção de empréstimos e financiamentos, principalmente no exterior.

Dado esse panorama, esta Nota Conjuntural examinará como tem reagido o mercado de trabalho no Rio de Janeiro. Por um lado, pequenos negócios costumam ser mais vulneráveis a oscilações econômicas. Por outro, esta pode ser uma boa oportunidade para o empreendedorismo fluminense buscar caminhos para além das empresas de maior porte da indústria extrativa e da construção. Serão utilizadas informações mensais da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) de 2013 até março de 2015. A análise dos dados provenientes da PME se centrará na RMRJ, por conta da área de abrangência da pesquisa³.

2. Nota Técnica "Investimentos em infraestrutura e P&G com execução ameaçada no Brasil", março de 2015.

3. Além da RMRJ, a PME abrange cinco regiões metropolitanas do país: São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

DESEMPREGO, OCUPAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

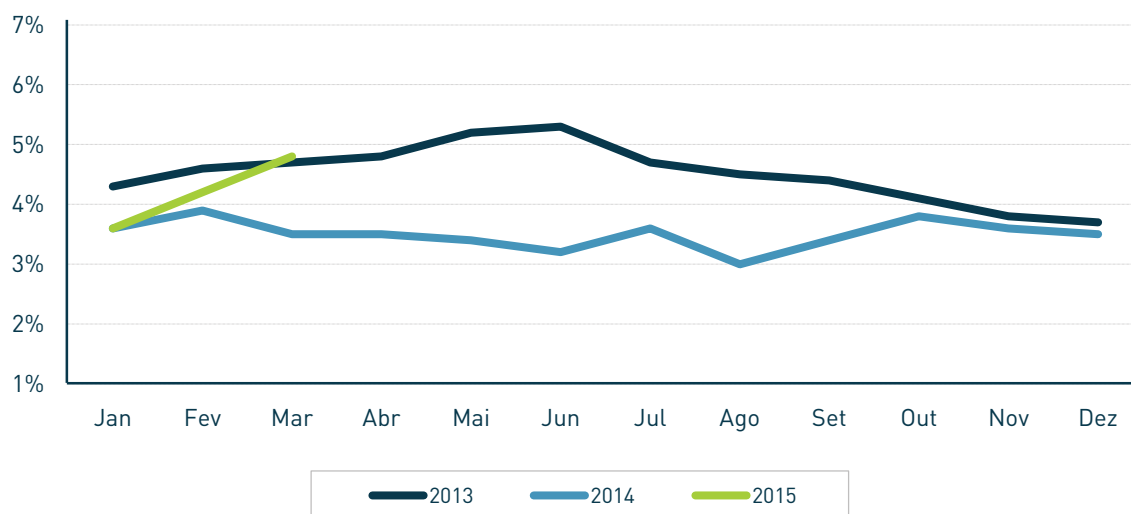
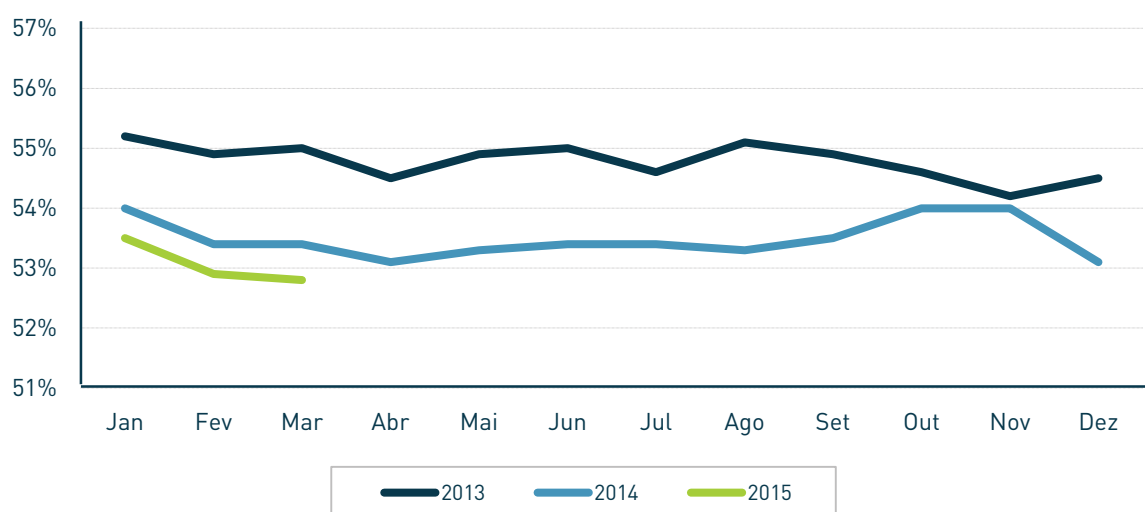
Com a atividade econômica em franca desaceleração, é natural que o mercado de trabalho apresente resultados não tão positivos quanto nos anos anteriores, principalmente em comparação com 2013, quando as perspectivas de crescimento eram outras. Na realidade, esperava-se uma piora nos indicadores já em 2014, quando a economia começou a dar sinais claros de perda de fôlego. Contudo, o mercado de trabalho manteve-se aquecido, talvez porque tenha sido um ano atípico, com a realização da Copa do Mundo e das eleições presidenciais e estaduais.

Houve um aumento importante do desemprego nos três primeiros meses de 2015, como pode ser visto no Gráfico 1. A taxa de desocupação na RMRJ, que havia iniciado o ano no mesmo patamar de 2014 (4%), atingiu 4,8% em março, valor superior ao de 2013 e 2014. Embora se aproxime da máxima registrada nos últimos dois anos, não se trata de um percentual alto em termos históricos nem em comparação com as demais áreas cobertas pela PME, entre as quais a RMRJ tem a segunda menor taxa de desemprego, superior apenas à da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), de 4,7%.

O desemprego aumentou em todas as regiões metropolitanas no primeiro trimestre de 2015. Na comparação com igual período de 2014, a RMRJ teve o terceiro menor incremento (15%), acima do verificado nas regiões metropolitanas de Recife (13%) e São Paulo (10%). Porém, se concentrarmos a análise no último mês, notaremos que o desemprego na RMRJ cresceu mais entre março de 2014 e de 2015 do que nas demais metrópoles, com exceção de Recife e Porto Alegre.

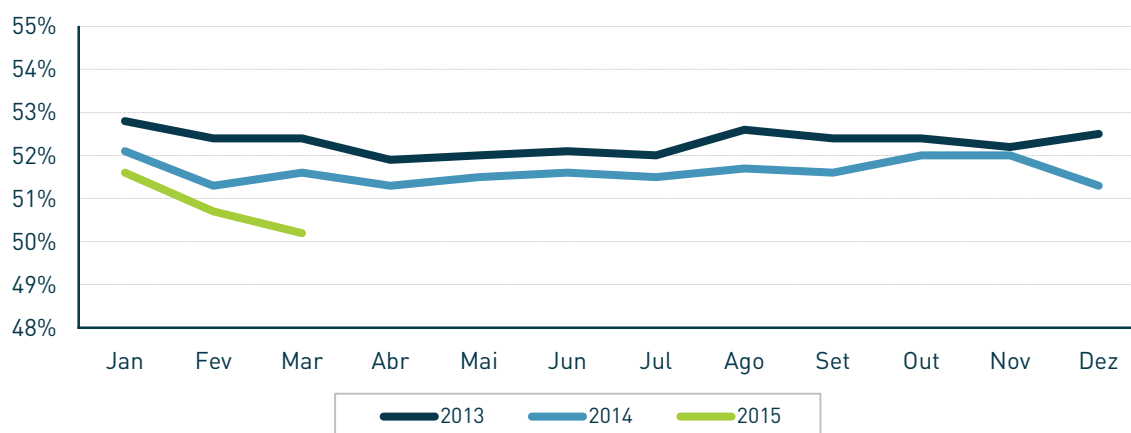
Esse aumento do desemprego é explicado mais pela diminuição da demanda do que pelo aumento da busca por trabalho. Isso porque a taxa de participação⁴ na RMRJ, apresentada no Gráfico 2, permanece baixa e está caindo desde o início do ano. Em março, menos de 53% das pessoas com dez anos ou mais de idade estavam trabalhando ou em busca de emprego na RMRJ, percentual que só excede o registrado na Região Metropolitana de Recife (RMRE), de 50,3%. Além disso, somente na RMRJ e na Região Metropolitana de Salvador (RMSA) esse indicador sofreu quedas nos dois primeiros meses de 2015. Para se ter uma ideia, a taxa de participação na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) está estável em 57,4% desde dezembro de 2014.

4. A taxa de participação é definida como a proporção de pessoas economicamente ativas – que estão trabalhando ou em busca de emprego – na população com dez anos ou mais de idade.

GRÁFICO 1 | TAXA DE DESOCUPAÇÃO NA RMRJ FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.**GRÁFICO 2 | TAXA DE PARTICIPAÇÃO NA RMRJ** FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.

Corroborando o que foi dito no parágrafo anterior em relação à diminuição da demanda, a taxa de ocupação⁵ diminuiu 1,4 pontos percentuais (p.p.) desde janeiro, ficando em 50,2% no último mês pesquisado (Gráfico 3). Apenas na RMSA a proporção de ocupados entre as pessoas com dez anos ou mais de idade teve uma queda maior, de 53,1% para 50,4% (2,7 p.p.). Em linha com a baixa participação no mercado de trabalho, a taxa de ocupação na RMRJ só é superior à verificada na RMRE, de 46,2%.

5. A taxa de ocupação é definida como a porcentagem de pessoas que estão trabalhando entre aquelas com dez anos ou mais de idade.

GRÁFICO 3 | TAXA DE OCUPAÇÃO NA RMRJ FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.

Com a desaceleração da atividade econômica, é possível que as pessoas que estavam desempregadas há mais tempo tenham parado de procurar um trabalho por terem desistido de encontrar. Isso pode ser captado pela taxa de desalento⁶, que, de fato, cresceu no início de 2015 na RMRJ, chegando a 0,03% em março. Trata-se da segunda mais alta entre as metrópoles cobertas pela PME, atrás da registrada na RMSA, de 0,07%, e similar à verificada na RMBH. O desalento cresceu ainda em algumas regiões metropolitanas do Sul-Sudeste, além da RMRJ, em especial na RMSP, onde deixou de corresponder a zero.

Como resultado, o tempo médio de procura por um emprego na RMRJ caiu em março, ao contrário do que ocorreu na maior parte das metrópoles contempladas pela PME. Ainda assim, os desempregados na RMRJ continuam a buscar trabalho por um longo período, mais de oito meses, frente a cinco meses (na RMSP) ou menos nas demais regiões metropolitanas, salvo na RMSA, em que o tempo médio ultrapassa dez meses.

Da mesma forma, o percentual de pessoas que gostariam de trabalhar mais tempo por semana, mas não encontram um emprego que as satisfaça e que ocupe uma jornada completa de 40 horas (os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas⁷) também diminuiu neste início de ano, ficando em 0,9%. No entanto, ao contrário do que acontece com o tempo médio de procura por um trabalho, a porcentagem de subocupados na RMRJ é pequena; menor que ela somente na RMSP, em que corresponde a 0,6%.

Em suma, a estagnação da economia enfraqueceu a demanda por trabalho, levando o desemprego a aumentar. Porém, a taxa de desocupação na RMRJ continua inferior a 5%, um percentual historicamente baixo. Resta saber por quanto tempo.

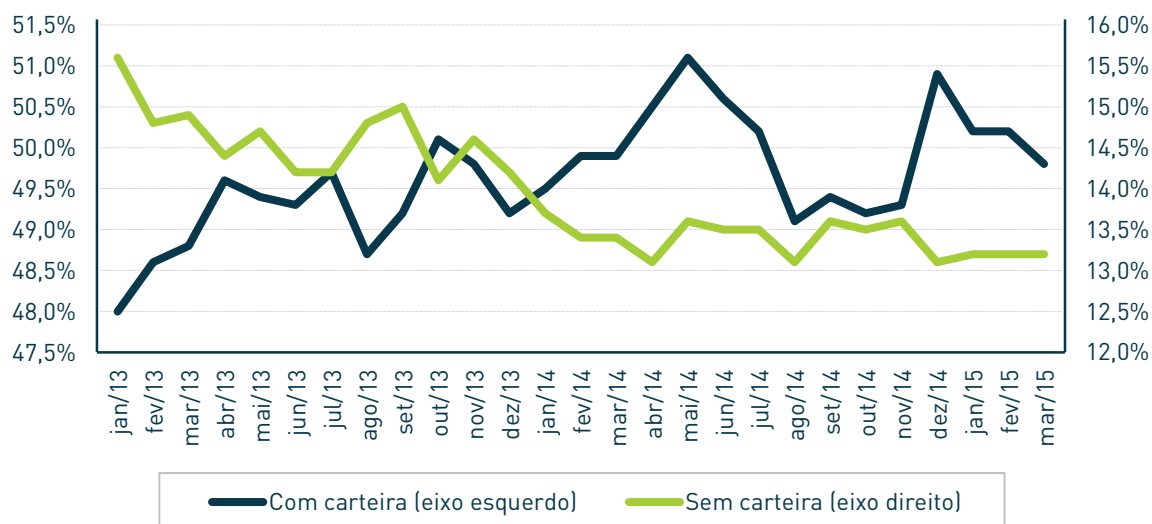
6. A taxa de desalento é calculada como a proporção de desalentados (pessoas disponíveis para trabalhar na semana de referência da pesquisa e que estavam procurando emprego ininterruptamente há pelo menos seis meses, mas desistiram por não encontrar) no total da população não economicamente ativa (pessoas com dez anos ou mais de idade que estão fora da força de trabalho).

7. Segundo a PME, são subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas as pessoas que trabalharam menos de 40 horas na semana de referência da pesquisa, e gostariam e estavam disponíveis para trabalhar mais horas no mês seguinte.

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

O desaquecimento do mercado de trabalho parece estar começando a ter seus primeiros reflexos na distribuição dos trabalhadores por posição na ocupação. O Gráfico 4 mostra que, ao longo do primeiro trimestre de 2015, houve redução na porcentagem de empregados com carteira de trabalho assinada, que caiu para menos de 50%. Em 2013 e 2014, a formalização seguiu uma trajetória diferente, aumentando no começo do ano. Entretanto, o percentual de empregados com carteira ainda está alto em termos históricos, embora seja baixo em relação ao verificado nas outras metrópoles brasileiras cobertas pela pesquisa, superando apenas o registrado na RMSA, de 48%.

GRÁFICO 4 | PORCENTAGEM DE EMPREGADOS COM E SEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA NA RMRJ FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.

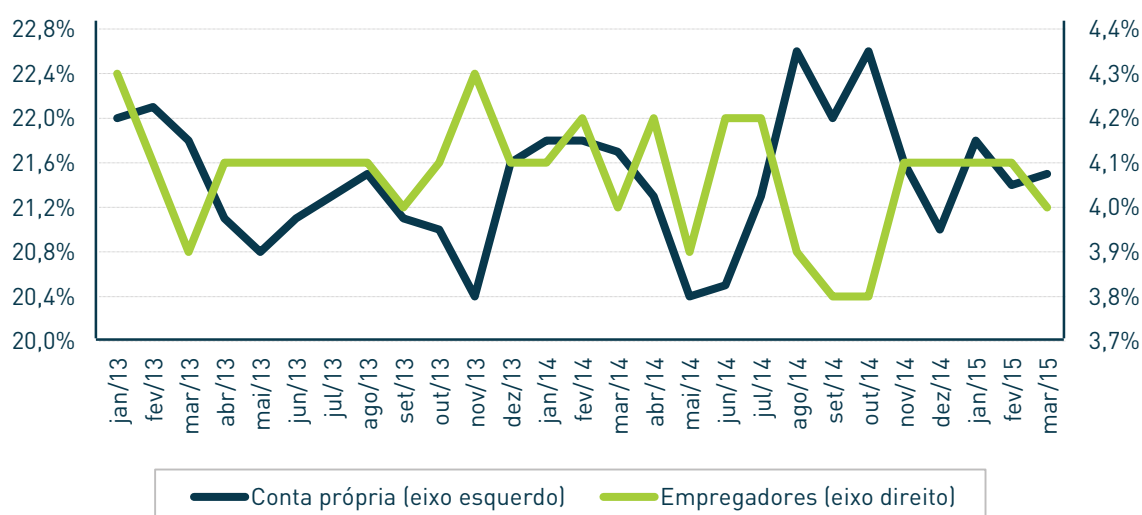


Cabe destacar a resiliência do mercado de trabalho no Sudeste ao contexto econômico desfavorável: ao confrontar o primeiro trimestre de 2015 com os dos anos anteriores, o emprego formal tem mantido ou aumentado sua participação na ocupação, em oposição ao que tem acontecido no Nordeste e no Sul do país.

Ao mesmo tempo, a proporção de empregados sem carteira de trabalho assinada permaneceu estável em 13,2% nos meses iniciais de 2015 (Gráfico 4). O comportamento do emprego informal parece um espelho do que acontece com o emprego formal. Nos primeiros trimestres de 2013 e 2014, o aumento do percentual de trabalhadores com carteira de trabalho assinada foi acompanhado por uma diminuição da porcentagem daqueles sem carteira; em 2015, está ocorrendo o inverso. Assim, a despeito de a informalidade estar num patamar inferior ao verificado nos anos anteriores, sua estabilidade no início de 2015 acende um sinal amarelo.

Os efeitos sobre a atividade empreendedora são menos claros. De acordo com o Gráfico 5, o peso dos trabalhadores por conta própria na ocupação total, que havia subido para 22,6% em agosto de 2014, voltou a cair no final do ano e permaneceu em torno de 21,5% nos primeiros meses de 2015. A RMRJ é a única metrópole em que houve redução do percentual de trabalhadores por conta própria na comparação do primeiro trimestre deste ano com os de 2014 e 2013. Possivelmente, isso está associado ao fato de a RMRJ ter a segunda maior proporção de trabalhadores por conta própria entre as metrópoles abrangidas pela PME, atrás somente da RMSA, com 23,5%.

GRÁFICO 5 | PORCENTAGEM DE EMPREENDEDORES NA RMRJ FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.



Por outro lado, a RMRJ tem o terceiro menor percentual de empregadores (4%), à frente das metrópoles nordestinas, onde apenas 3% dos trabalhadores são donos de negócios que empregam pessoas. Neste começo de ano, a participação dos empregadores na ocupação total caiu em todas as regiões metropolitanas, mas com menor intensidade na RMRJ, onde diminuiu 0,1 p.p. em março, depois de permanecer constante desde novembro do ano passado.

Normalmente, assim como o emprego informal, o trabalho por conta própria se comporta de maneira inversa ao emprego com carteira assinada, visto que é algo a que as pessoas podem recorrer quando não encontram alternativas – o empreendedorismo de subsistência. Contudo, ao menos por enquanto, a atividade empreendedora parece não ter assumido tanto o papel de amortecedor da queda do emprego formal na RMRJ.

Considerando os ocupados, metade da queda na porcentagem de empregados com carteira de trabalho assinada entre dezembro de 2014 e março de 2015 teve como contrapartida uma elevação no contingente de trabalhadores por conta própria. O restante se reverteu

em um ligeiro aumento da proporção de empregados sem carteira e, principalmente, de funcionários públicos e militares, que chegaram a 11% dos ocupados na RMRJ, única metrópole abrangida pela PME em que esse percentual tem dois dígitos.

RENDIMENTOS

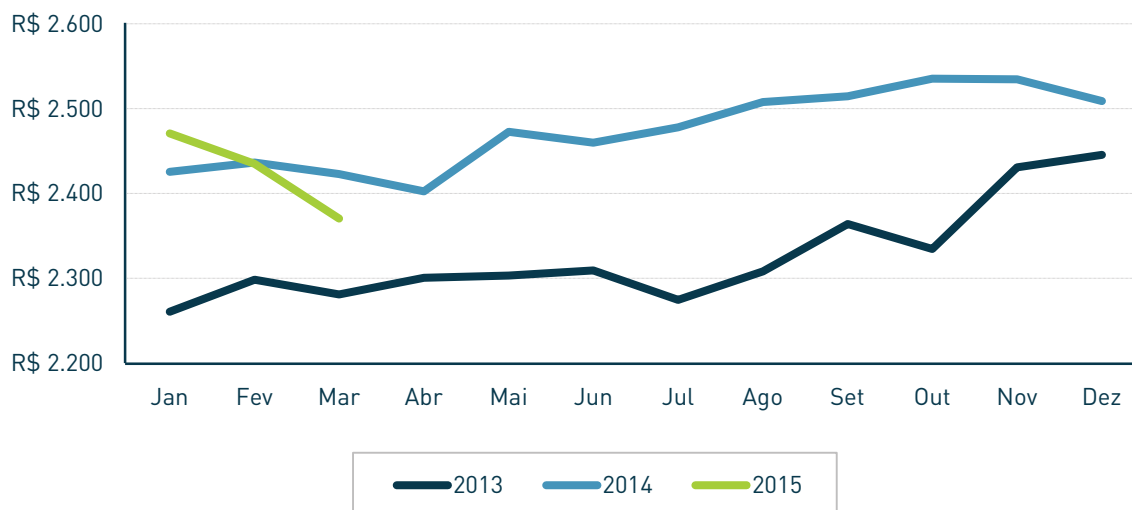
Na situação atual, a evolução dos rendimentos será relevante para determinar a dinâmica do mercado de trabalho nos próximos meses. Nos últimos anos, o salário real cresceu consideravelmente, permitindo que membros secundários do domicílio, em especial mulheres e jovens, ficassem fora da força de trabalho. Isso é particularmente verdadeiro na RMRJ, onde a taxa de participação é baixa e a remuneração do trabalho, alta. Com efeito, os trabalhadores que moram na RMRJ ganham, em média, R\$ 2.371, mais do que os que vivem nas outras regiões metropolitanas do país, inclusive na RMSP – o rendimento do trabalho na principal metrópole paulista é de R\$ 2.228.

Ao que tudo indica, porém, esses tempos ficaram para trás. Com o aumento do desemprego, que reduz o poder de barganha dos trabalhadores, e o recrudescimento da inflação, o salário real começou a cair em todas as metrópoles. Na RMRJ, esse movimento teve início antes mesmo da virada do ano, como pode ser visto no Gráfico 6. Tendo como referência o mês de novembro, em que a remuneração média bateu no pico de R\$ 2.535, houve uma queda de 6% em termos reais até março. Ao replicar esse exercício para as demais regiões metropolitanas cobertas pela PME, ou seja, ao comparar a remuneração de março de 2015 com seu pico mais recente, observa-se que o recuo da renda na RMRJ foi ligeiramente inferior ao observado nas metrópoles do Sul e do Sudeste.

Além disso, a remuneração média do trabalho na RMRJ ficou praticamente estável entre os primeiros trimestres de 2014 e 2015. Esse desempenho foi mais favorável do que o verificado nas regiões metropolitanas do Sul-Sudeste, que registraram perdas de rendimento, mas não tão bom quanto o observado nas metrópoles do Nordeste, que apresentaram variações positivas. Na comparação de março de 2014 com março de 2015, a RMRJ se destaca com a segunda menor queda na renda, depois da RMRE, onde houve aumento.

A perda de poder de compra dos chefes de família ainda não afetou a participação dos demais membros na força de trabalho, talvez devido ao fato de o ponto de partida ser bem elevado. Todavia, se os rendimentos continuarem a cair, é provável que aqueles que não estavam trabalhando comecem a procurar emprego para complementar o orçamento da casa. O ingresso dessas pessoas no mercado num momento em que a demanda está retraída certamente pressionará a taxa de desemprego.

GRÁFICO 6 | RENDIMENTO MÉDIO REAL DO TRABALHO NA RMRJ (A PREÇOS DE MARÇO DE 2015) FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.



ANÁLISE SETORIAL

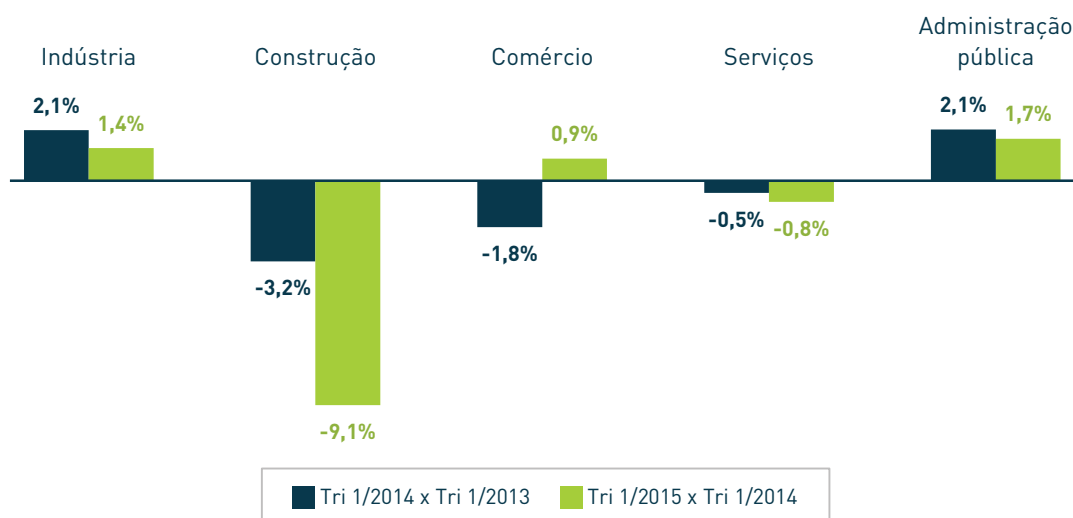
Na última década, caracterizada pelo crescimento econômico e pela expansão do emprego, o setor de serviços e a construção civil foram especialmente dinâmicos no Brasil e, em particular, no Rio de Janeiro. Esses setores, mais intensivos em trabalho do que em capital, absorveram um grande contingente de mão de obra pouco qualificada, gerando um ciclo virtuoso na economia: a elevação do poder aquisitivo das camadas mais pobres da população, que tendem a poupar pouco, estimulou o consumo, induzindo empresários a produzir para atender a essa demanda⁸. Os motivos para o esgotamento desse modelo são vários, conforme discutido no Panorama Geral. Todavia, o fato é que a retração econômica e o desaquecimento do mercado de trabalho em curso na RMRJ passam justamente pela desaceleração desses dois setores, como veremos a seguir.

De acordo com o Gráfico 7, o número de ocupados na construção civil e nos serviços caiu na RMRJ entre o primeiro trimestre de 2013 e 2014. Essa queda se intensificou em 2015, sobretudo na construção civil, em que a quantidade de trabalhadores diminuiu 9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Se em 2014 isso só havia acontecido na RMRJ, o mesmo não pode ser dito neste ano, embora apenas a RMRE tenha apresentado uma redução mais expressiva (-11%). Por conta disso, a proporção de trabalhadores na cons-

8. Ver coluna "Educação, salário mínimo e desemprego", de autoria de Naercio Menezes Filho, publicada no jornal *Valor Econômico*, em 21 de novembro de 2014, e disponível em: <<http://www.valor.com.br/opinia0/3787926/educacao-salario-minimo-e-desemprego>>.

trução civil, que era de 8% no início de 2013, passou para 7% em março de 2015. Ademais, somente na RMSA o total de ocupados no setor de serviços caiu no primeiro trimestre deste ano, mas em menor magnitude (-0,3%) do que na RMRJ (-0,8%).

GRÁFICO 7 | VARIÇÃO DO NÚMERO DE TRABALHADORES POR SETOR DE ATIVIDADE NA RMRJ FONTE: IETS, com base nos dados da PME/IBGE.



A indústria, por outro lado, vem perdendo peso na economia e competitividade, principalmente em relação aos produtos chineses, há algum tempo. No entanto, algumas especificidades fazem com que o quadro seja um pouco distinto na RMRJ. Primeiramente, a grande importância das atividades na área de óleo e gás fez com que a performance do setor industrial tenha sido bem mais favorável na RMRJ, ainda que a variação no número de trabalhadores tenha decrescido no primeiro trimestre de 2015. Além disso, a participação da indústria na ocupação total, de 12%, está abaixo da verificada nas demais metrópoles do Sul-Sudeste abrangidas pela PME, onde vai de 14% na RMBH a 19% na RMPA, passando por 18% na RMSP. Desse modo, esse setor tem menos impacto sobre o desempenho do mercado de trabalho na RMRJ.

Em compensação, a RMRJ apresenta a porcentagem mais elevada de pessoas que trabalham no setor de serviços e na administração pública – respectivamente 55% e 7% dos ocupados. O crescimento de cerca de 2% na quantidade de trabalhadores na administração pública no primeiro trimestre dos últimos dois anos (Gráfico 7) indica que os concursos são vistos como uma boa opção quando o mercado privado não está tão aquecido, provavelmente por sua estabilidade. Já o comércio, que concentra 18% dos ocupados na

RMRJ, teve desempenho ruim em 2014 e bom em 2015, sinalizando que a queda na renda dos trabalhadores ainda não afetou significativamente as vendas⁹.

GERAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS

Como visto, a estagnação da atividade econômica levou a uma redução na taxa de ocupação, fazendo com que o desemprego aumentasse. Essa constatação se refere ao mercado de trabalho como um todo na região metropolitana. A partir desta seção, usaremos os dados do Caged para examinar como o emprego formal tem evoluído no estado ante o cenário de crise.

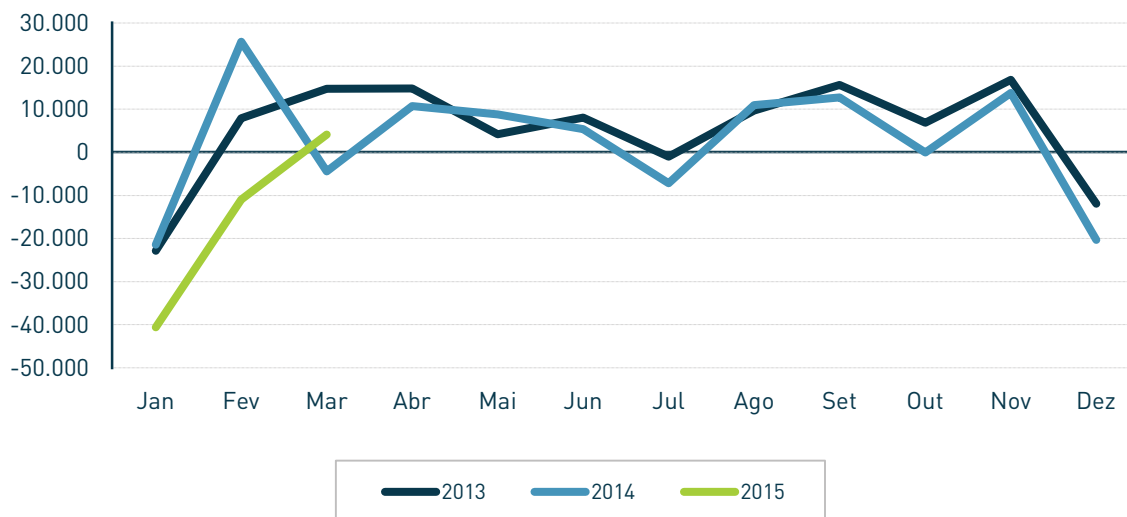
Ao longo do primeiro trimestre de 2015, houve destruição (número de demissões maior que o de admissões) de mais de 75 mil postos de trabalho no Brasil, quase 50 mil no ERJ (Gráfico 8), o estado que mais contribuiu para o saldo negativo registrado no país. A RMRJ foi responsável por aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos postos extintos no estado.

Trata-se de um resultado muito ruim, ainda que levemos em conta atenuantes como: o número de demissões tradicionalmente alto em janeiro (Gráfico 9); o fato de o desemprego estar em níveis baixos; e a tendência natural de redução na geração de postos de trabalho depois uma sequência de recordes nos últimos anos. Desconsiderando as declarações de admissões e demissões feitas pelas empresas depois da divulgação dos dados¹⁰, é o pior saldo registrado no primeiro trimestre desde 2009, no auge da crise financeira internacional.

9. Os ocupados na agropecuária e em outras atividades não foram considerados na análise por serem pouco representativos – correspondem a 1% dos trabalhadores na RMRJ.

10. Para incluir as declarações feitas fora do prazo na comparação, o ideal seria esperar pelo menos um ano após a divulgação dos dados, período em que a maior parte delas é feita. Na data de publicação desta **Nota Conjuntural**, havia transcorrido pouco tempo desde a divulgação dos dados do Caged de 2015.

GRÁFICO 8 | SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NO ERJ FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE.

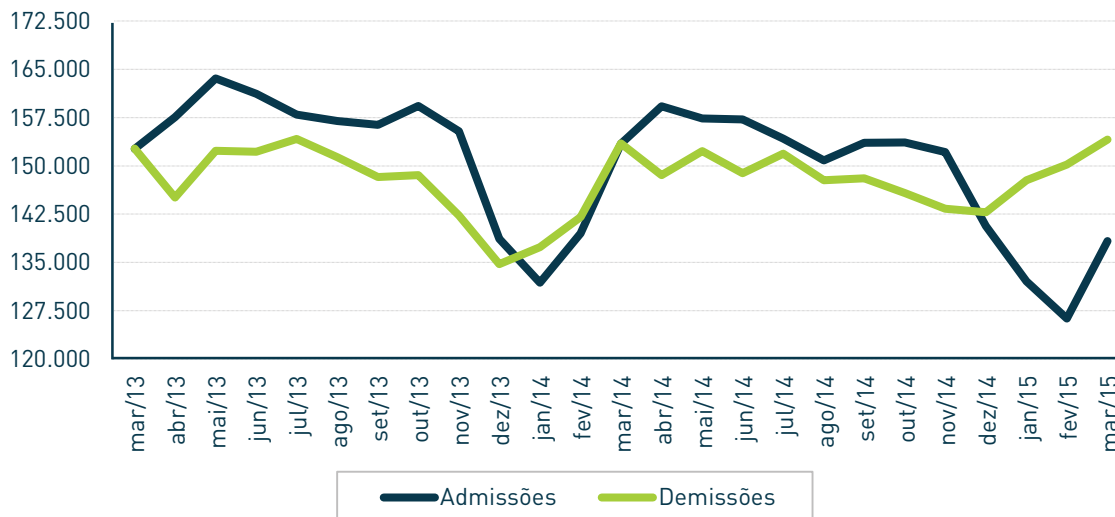


Contudo, ainda há esperança de que a geração de empregos formais no ERJ se recupere ao longo deste ano. Apesar do fraquíssimo desempenho nos dois meses iniciais de 2015 – com quase 41 mil postos de trabalho destruídos em janeiro, praticamente o dobro do saldo registrado nesse mês nos anos anteriores, e resultado negativo em fevereiro, pela primeira vez em dez anos –, os pouco mais de 4 mil empregos criados em março são um número razoável, até bom se comparado ao mesmo mês de 2014. Movimento semelhante foi observado no Brasil, onde março também foi um mês de recuperação.

É importante ter em mente que os milhares de demissões no setor petrolífero, naval e da construção civil (em especial no Comperj) no ERJ foram circunstanciais. Em outras palavras: ainda que tenham contribuído para o saldo negativo verificado no primeiro trimestre do ano no estado e que possam gerar consequências graves no médio prazo, é improvável que se repitam num futuro próximo, visto que grande parte do ajuste relativo à mão de obra que se tornou ociosa com a paralisação dos investimentos já foi feito.

Tanto no Brasil quanto no Estado do Rio de Janeiro, porém, a destruição de postos de trabalho nos três primeiros meses de 2015 se deveu mais à redução no ritmo de admissões do que ao aumento no número de demissões. De acordo com o Gráfico 9, enquanto as contratações no estado se mantiveram abaixo do limiar de 140 mil de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015, os desligamentos giraram em torno do patamar usual de 150 mil por mês neste início de ano, exceto em janeiro. Nesse sentido, a retração de setores que vinham funcionando como motor do crescimento e do emprego no ERJ é preocupante, pois não há perspectiva de admissões no horizonte.

GRÁFICO 9 | ADMISSÕES E DEMISSÕES NO ERJ (MÉDIA MÓVEL TRIMESTRAL*) FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE. Nota: *Trimestre findo no mês de referência.

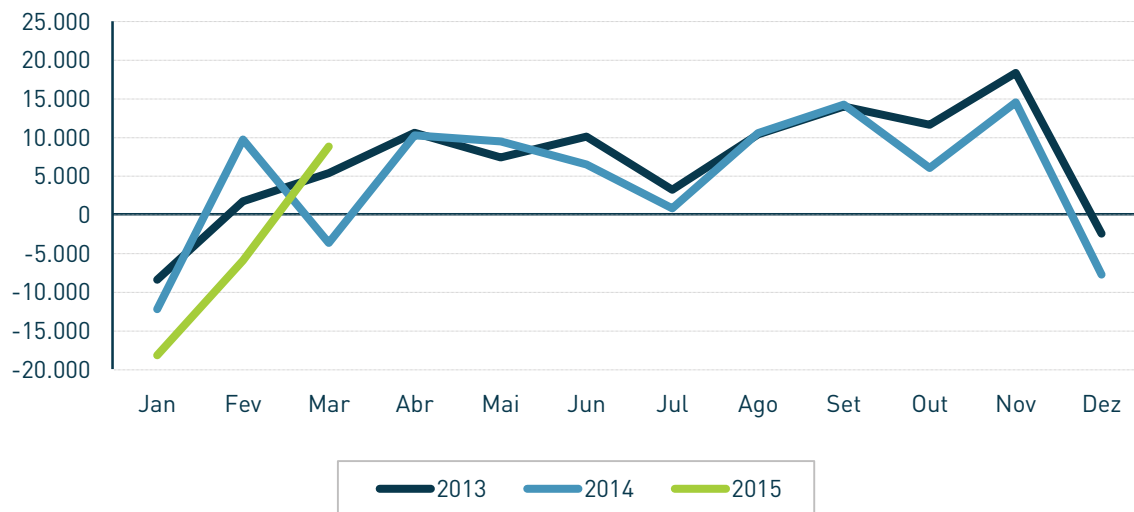
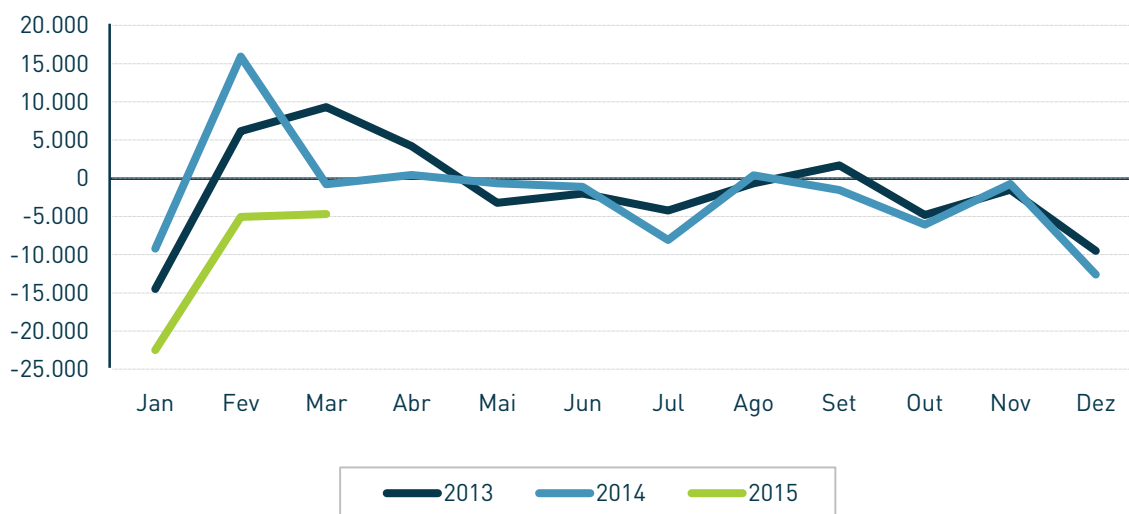


GERAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS POR TAMANHO DO ESTABELECIMENTO

Aqui, serão analisadas as semelhanças e as diferenças na maneira como os pequenos negócios e as médias e grandes empresas estão reagindo à atual conjuntura econômica. Conforme os Gráficos 10 e 11, nos dois primeiros meses de 2015 o comportamento dos estabelecimentos de ambos os portes foi similar ao observado na média do ERJ: considerável destruição de postos de trabalho, fruto do resultado ruim em janeiro e do saldo negativo em fevereiro, ao contrário do ocorrido nesse mesmo mês nos anos anteriores. Esse padrão também foi observado na RMRJ e no Brasil.

GRÁFICO 10 | SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO ERJ

FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE.

**GRÁFICO 11 | SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NAS MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS NO ERJ** FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE.

Em março, entretanto, o saldo entre admissões e demissões permaneceu negativo em cerca de 5 mil empregos nas médias e grandes empresas, mas foi positivo nos pequenos negócios, que criaram quase 9 mil postos de trabalho, um resultado particularmente bom. É possível que os pequenos negócios tenham aproveitado a oportunidade para preencher a lacuna deixada pelas empresas de maior porte, contratando por salários um pouco menores, mais condizentes com a sua realidade. Seja como for, os pequenos negócios foram os grandes responsáveis pela geração de empregos formais no Estado do Rio de Janeiro em março de 2015.

Na realidade, os pequenos negócios têm tido esse papel há mais tempo e também na RMRJ e no Brasil: exceto em alguns meses no início do ano, o saldo entre admissões e demissões nas médias e grandes empresas ficou abaixo ou muito próximo de zero ao longo de 2013 e 2014. Assim, nos últimos anos, nos meses em que a geração de empregos formais foi negativa nos pequenos negócios, houve destruição de postos de trabalho.

Uma última observação quanto aos Gráficos 10 e 11 permite fazer inferências a respeito do que acontecerá nos próximos meses no ERJ e na RMRJ, que determina, em boa medida, o que acontece no estado. Enquanto a geração de empregos formais nas médias e grandes empresas fluminenses costuma ocorrer no início do ano, nos pequenos negócios ela é mais forte no segundo semestre, atingindo seu valor máximo em novembro. No Brasil, não se verifica tal comportamento.

Sendo assim, tomando 2013 e 2014 como base, a tendência é que não haja alterações de peso na diferença entre admissões e demissões nas médias e grandes empresas no decorrer de 2015. Ao mesmo tempo, espera-se que a criação de postos de trabalho nos pequenos negócios permaneça no patamar em que está, com viés de aumento – o que resultaria em saldos positivos na média do Estado do Rio de Janeiro.

Ao analisar as admissões e as demissões separadamente (Gráficos 12 e 13), observa-se que nas médias e grandes empresas a destruição de empregos formais em fevereiro e março esteve mais associada ao elevado número de desligamentos, em especial no último mês, quando as demissões chegaram a quase 80 mil. Já nos pequenos negócios, o saldo negativo nos dois primeiros meses do ano se deveu à lenta recuperação das contratações, que demoraram a voltar ao nível prévio à queda de dezembro.

GRÁFICO 12 | ADMISSÕES E DEMISSÕES NOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO ERJ (MÉDIA MÓVEL TRIMESTRAL*) FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE. Nota: *Trimestre findo no mês de referência.

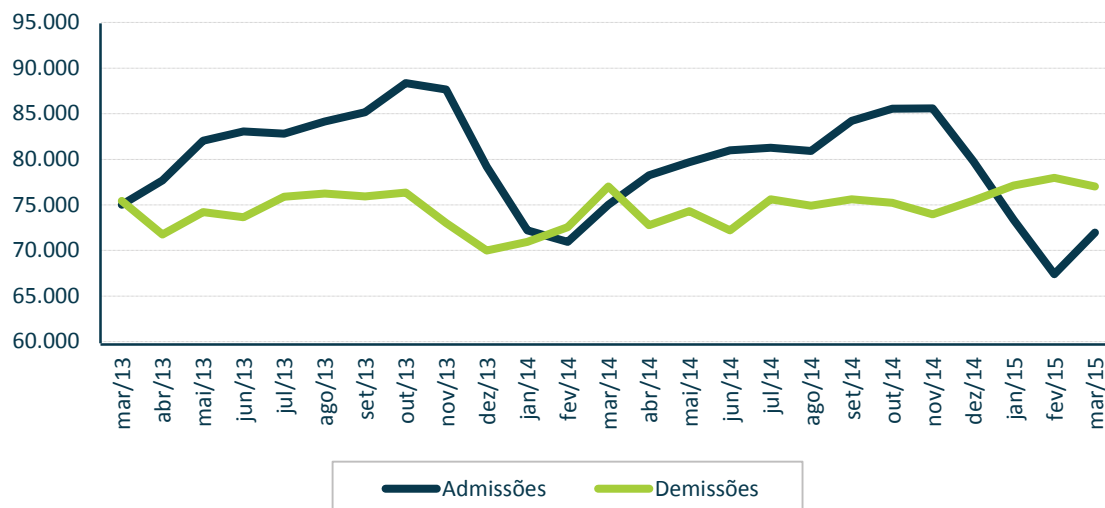
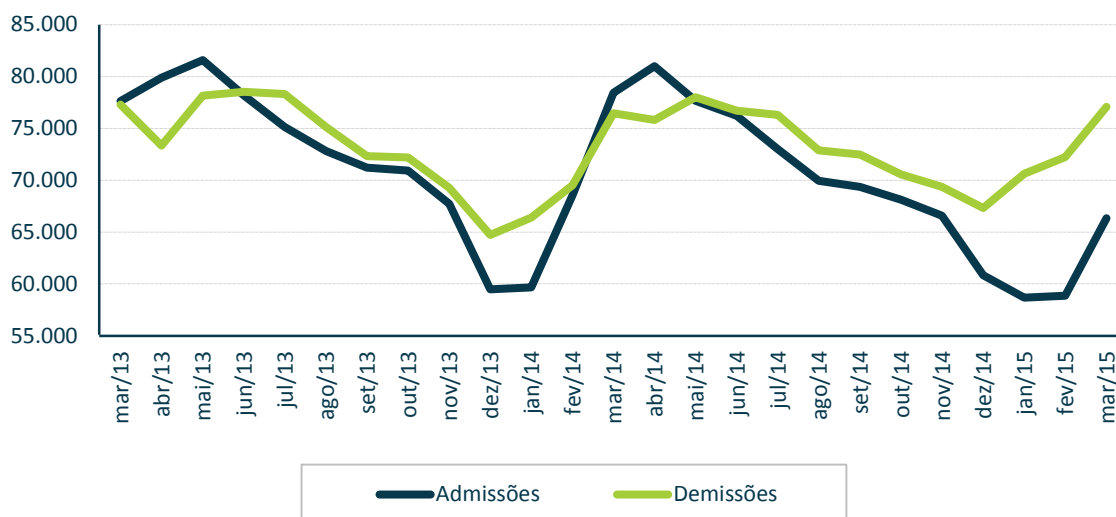


GRÁFICO 13 | ADMISSÕES E DEMISSÕES NAS MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS NO ERJ (MÉDIA MÓVEL TRIMESTRAL*) FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE. Nota: *Trimestre findo no mês de referência.



GERAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS POR REGIÃO DO ESTADO

Vimos que parte da queda na taxa de ocupação, que contribuiu para o aumento do desemprego no início do ano, se deveu à extinção de postos de trabalho nas empresas formais fluminenses. Além disso, constatamos que a geração de empregos nos pequenos negócios tem servido como contrapeso ao saldo negativo entre admissões e demissões nas médias e grandes empresas no Estado do Rio de Janeiro. Cabe nos perguntarmos se esse

quadro foi generalizado ou se as diferentes regiões do ERJ estão vivenciando esse difícil começo de ano de forma distinta.

Segundo a Tabela 1, no primeiro trimestre de 2015 houve destruição de postos de trabalho em todo o estado. Em 2013 e 2014, isso aconteceu em cerca de metade das regiões, e numa magnitude bem menor. A capital, que tem grande peso na economia fluminense, foi responsável por 40% dos empregos formais extintos. No Leste Fluminense, onde fica o Comperj, o número de vagas destruídas ultrapassou 11 mil.

A Baixada Fluminense I também apresentou forte retração, parcialmente por conta da crise no setor naval em Itaguaí, mas em parte ainda pela significativa destruição de empregos em Nova Iguaçu. O desaquecimento do mercado de trabalho nos principais municípios da Baixada II, como Duque de Caxias e São João de Meriti, foi igualmente expressivo. Vale ressaltar que, no início de 2014, as Baixadas e o Leste Fluminense haviam sido as regiões que mais geraram emprego no estado.

TABELA 1 | SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NAS REGIÕES DO ERJ POR TAMANHO DO ESTABELECIMENTO FONTE: IETS, com base nos dados do CAGED/MTE. Nota: *Médias e grandes empresas.

	TRI 1/2013			TRI 1/2014			TRI 1/2015		
	TOTAL	PEQUENOS NEGÓCIOS	MGE*	TOTAL	PEQUENOS NEGÓCIOS	MGE*	TOTAL	PEQUENOS NEGÓCIOS	MGE*
Capital	1.079	1.302	-223	-4.078	-4.826	748	-18.622	-2.870	-15.752
Baixada Fluminense I	-306	292	-598	1.180	-101	1.281	-4.012	-820	-3.192
Baixada Fluminense II	310	124	186	2.948	-597	3.545	-2.635	-1.246	-1.389
Leste Fluminense	-292	-559	267	2.232	684	1.548	-11.210	-5.856	-5.354
Centro-sul	-143	-109	-34	-198	206	-404	-303	-363	60
Costa Verde	-14	-45	31	659	-139	798	-845	-108	-737
Médio Paraíba	-78	-521	443	-2.337	-307	-2.030	-2.718	-1.270	-1.448
Noroeste	286	-248	534	-259	-290	31	-165	-64	-101
Norte	1.500	152	1.348	-126	-203	77	-3.792	-272	-3.520
Região Dos Lagos	-1.845	-1.093	-752	-449	-470	21	-2.255	-1.423	-832
Serrana I	-742	-230	-512	156	77	79	-352	-406	54
Serrana II	76	-255	331	124	-76	200	-523	-482	-41

No Norte, que concentra as atividades da indústria extrativa mineral e abriga o Porto de Açu, foram extintos quase 4 mil postos de trabalho, 30 vezes mais do que no ano anterior. O Médio Paraíba manteve o fraco desempenho observado nos primeiros três meses de 2014, provavelmente devido à situação delicada enfrentada pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, diante da redução do preço do minério de ferro e da desaceleração da indústria automobilística, da qual é fornecedora, nos municípios vizinhos. Na Região dos Lagos, também houve destruição de um número substancial de empregos, certamente pelo impacto da queda da demanda no comércio e em serviços. O Noroeste foi a única região em que foram destruídos menos postos de trabalho no primeiro trimestre de 2015 do que no mesmo período no ano passado.

Salvo em alguns casos específicos, em particular no Leste Fluminense, onde as demissões aumentaram 14% nos três meses iniciais deste ano vis-à-vis ao primeiro trimestre de 2014, a destruição de empregos formais nas diversas regiões do ERJ foi um reflexo da redução na quantidade de contratações. Isso foi particularmente verdadeiro no Norte, no Médio Paraíba e nas Baixadas.

A análise por tamanho do estabelecimento revela algum protagonismo das médias e grandes empresas na destruição de postos de trabalho. De fato, 33% das vagas extintas no estado eram empregos em estabelecimentos de maior porte na capital. Não obstante, os pequenos negócios tiveram um papel importante nesse processo, principalmente no Leste Fluminense, no Médio Paraíba e na Região dos Lagos, mas também nas regiões serranas e no Centro-Sul, que têm menor participação no total devido à dimensão reduzida de seu mercado de trabalho.

EM RESUMO

Devido a uma conjunção de fatores, a economia brasileira está passando por um momento complicado. De acordo com o Relatório de Mercado Focus, do Banco Central, publicação semanal em que são compiladas as projeções das principais instituições financeiras e de pesquisa para alguns indicadores econômicos, as expectativas tampouco são alentadoras e vêm se deteriorando. Segundo o relatório de 8 de maio, os agentes esperam que o PIB deste ano caia 1,2% e que a inflação fique em 8,29%, bem acima do teto da meta, de 6,5%.

Como a crise está relacionada com a desaceleração da indústria extrativa e da construção civil, é possível que o Estado do Rio de Janeiro seja particularmente afetado, ao menos em termos de crescimento econômico. No primeiro trimestre de 2015, os reflexos da estagnação desses setores se fez notar na altíssima destruição de empregos formais

no estado, que respondeu por 62% dos postos de trabalho extintos em todo o país. A onda de demissões nas médias e grandes empresas fluminenses teve consequências para as economias regionais. Os pequenos negócios, que nos últimos anos vinham contribuindo para evitar que o saldo entre admissões e demissões fosse negativo, adiaram as usuais contratações de início de ano, possivelmente receosos de serem carregados junto. Vale lembrar que a maioria deles atua nos setores de serviços e comércio, fortemente influenciados pelo poder de compra dos consumidores.

Contudo, há sinais de que esse cenário pessimista ainda não se concretizou com toda a sua força. Em particular, a variação positiva do número de ocupados no comércio e a manutenção da tendência de queda da baixa taxa de participação fluminense indicam que, a despeito da retração no rendimento real do trabalho (em parte corroído pela alta inflação na RMRJ), as famílias não sentiram um forte baque em seu orçamento. Ao que parece, frente a esse “novo” panorama e à chance de atrair trabalhadores mais produtivos vindos das médias e grandes empresas por menores salários, os pequenos negócios realizaram uma grande quantidade de contratações em março.

Por outro lado, o setor de serviços, um dos principais motores da economia do ERJ em anos recentes, está passando por uma redução de pessoal. Ademais, o efeito da destruição de empregos sobre a taxa de ocupação é inequívoco. A queda desta, conseqüentemente, levou a um aumento do desemprego – que, todavia, ainda está baixo em termos históricos. A diminuição da oferta de empregos formais teve como contrapartida um aumento no trabalho por conta própria, mas nada particularmente expressivo em comparação com o que está acontecendo no restante do país.

Em suma, o início de 2015 tem sido marcado por aumento do desemprego e queda dos rendimentos do trabalho nas metrópoles brasileiras. A RMRJ teve um comportamento considerado mediano entre as regiões metropolitanas. A análise revela, por outro lado, que o empreendedorismo na forma do trabalho por conta própria não teve papel proeminente nessa rodada de ajustamento do mercado. Porém, considerando a geração de empregos, após uma pausa de respiro para avaliar as condições que os cercavam nesta tumultuada virada de ano, os pequenos negócios parecem ter assumido os espaços deixados pelas médias e grandes empresas. A ver se esse ímpeto se manterá.

E MAIS...

- Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), nova pesquisa trimestral do IBGE, de abrangência nacional, a taxa de desocupação fluminense foi de 6,5% entre janeiro e março de 2015 – acima apenas da verificada no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, em Rondônia e nos três estados do Sul do país. Essa taxa foi 0,7 p.p. superior à registrada no trimestre anterior e 0,2 p.p. inferior à observada no mesmo período de 2014.
- De acordo com a mesma pesquisa, na média do primeiro trimestre de 2015 o rendimento mensal do trabalho auferido pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade correspondeu a R\$ 1.967 no Estado do Rio de Janeiro. Trata-se da sétima maior remuneração do país, atrás da registrada em São Paulo, no Distrito Federal, em Rondônia e nos três estados do Sul. Em relação ao primeiro trimestre de 2014, entretanto, houve uma queda de 3,6% nos salários reais no ERJ.